

Palacio e quinta dos srs. marquezes de Fronteira

## FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

(Vid. pag. 89)

Junto ao extincto convento de S. Domingos, mas em edificio separado, posto que se communiquem interiormente, está a

Capella dos Castros, a qual fica situada no adro da egreja de S. Domingos, em frente d'esta. Foi fundada com a invocação de *Corpus Christi* na primeira metade do seculo XVII por D. Francisco de Castro, bispo inquisidor geral, neto do illustre vice-rei da India, D. João de Castro, destinando-a para seu jazigo, e de sua familia.

Não prima esta capella em bellezas de architectura, porque é bastantemente singela; mas é grandiosa, tanto pela sua vastidão, que lhe dá proporções de uma boa egreja, como tambem pelos materiaes de que é construida, pois que desde o pavimento, que é de marmore de côres, até á abobada, que é de excellente cantaria, toda a sua fabrica é de pedra bem lavrada.

Tem a capella um só altar, por detraz do qual está o côro. Entre as seis columnas, que decoram o altar, vêem-se sobre peanhas seis custodias com reliquias de santos, tres de cada lado.

No pavilhão ou baldaquino, que faz cobertura ao sacrario, avultam duas imagens, de Nossa Senhora e de S. Domingos, que, além da veneração que lhes é devida, são de subido apreço como objecto archeologico, e como tropheo de uma grande victoria que enramou de loiros as armas portuguezas. Faremos uma curta digressão para narrarmos a historia d'estas imagens.

É geralmente sabido que o imperador Carlos V, projectando a conquista de Tunes, pediu auxilio para esta empreza a seu cunhado, o nosso rei D. João III, que lhe enviou uma armada, da qual era capitania o galeão S. João Baptista, que o povo denominava o galeão *Bota-fogo*. Fôra este navio o objecto especial do pedido do imperador, porquanto era a maior e mais bem artilhada nau que até então se tinha construido na Europa. Jogava 366 canhões de bronze, dispostos em quatro baterias, e guarneciam-n'a, além da tripulação, novecentos soldados. D. João III mandou-lhe fazer na prôa, por essa occasião, um talha-mar de aço fino, por constar que os moiros de Tunes tinham fechado com grossas cadeias de ferro o porto d'esta cidade, chamado da *Goleta*.

Partiu a armada portugueza, levando por general D. Antonio de Saldanha, e foi surgir no porto de Barcellona, onde se devia reunir á esquadra do imperador. Quasi ao mesmo tempo chegaram a essa cidade, por terra, o nosso infante D. Luiz, e o duque de Bragança, D. Theodosio I, que saíram de Evora furtivamente para tomarem parte n'esta expedição, persuadidos de que el-rei lhes não daria licença se a pedissem. Antes porém de entrarem em territorio hespanhol, alcançou-os o conde da Castanheira, que era portador da licença regia.

Largaram as duas armadas do porto de Barcellona, conduzindo mais de trinta mil homens de desembarque, sob as ordens do proprio imperador Carlos V e do infante D. Luiz.

Chegando em frente de Tunes, começou logo a esquadra do imperador o ataque contra as fortalezas, que defendiam a barra, fazendo todas as diligencias para romper a cadeia, que se prendia de uma a outra fortaleza por baixo d'agua.

Vendo baldados todos os seus esforços, pediu então Carlos V ao infante D. Luiz que commettesse a empreza ao galeão S. João Baptista. Com effeito, á segunda vez que este formidavel navio, com todas as

velas desfraldadas, e favorecido do vento, investiu contra aquella fortissima corrente, rebentou esta entre montanhas d'agua, que subiram aos ares. O invicto galeão entrou a barra vomitando fogo por todos os lados, e desmantelando os fortes que em grande numero guarneciam o porto, que até alli se julgava inconquistavel. Seguiram de perto o galeão todos os navios das duas armadas, e assim caíu Tunes em poder do imperador Carlos V, não obstante o immenso poder com que a defendia o celebre almirante turco Heredim, mais conhecido entre os christãos pelo nome do *corsario Barba-Roxa* (12 de julho de 1535).

Quando o exercito alliado, depois do desembarque, abriu brecha nos muros da cidade, por onde a ganhou aos moiros, caíram de envolta com as pedras do muro duas estatuas, que, ao que parece, estavam occultas na espessura da muralha. Eram as imagens acima referidas, que provavelmente alli foram escondidas pelos christãos, quando, senhores da cidade em tempos muito mais remotos, se viram obrigados a abandonal-a aos infieis.

A cidade de Tunes foi dada a saque aos conquistadores, que tiraram d'ella um riquissimo despojo. O infante D. Luiz guardou e trouxe comsigo por unica recompensa e galardão as duas santas imagens.

O infante era um dos mais denodados cavalleiros d'aquella epocha, e como ninguem mais do que elle sabia apreciar a coragem e o valor, galardoou estas qualidades que distinguiam em tão alto grau a D. João de Castro, fazendo-lhe dom d'aquelles sagrados e gloriosos tropheos da conquista de Tunes, em que este fidalgo tomára parte.

D. João de Castro collocou as santas imagens no seu oratorio particular, onde se conservaram até que seu neto, D. Francisco de Castro, as trasladou para a sua capella de *Corpus Christi*, mais conhecida pelo nome popular de *capella dos Castros*, em razão de servir de ultima morada ás pessoas d'esta familia.

Nos quatro tumulos de marmore, que descançam sobre elephantes da mesma pedra, mettidos no vão de outros quatro arcos, jazem D. João de Castro, e sua mulher D. Leonor Coutinho, da parte do evangelho, e D. Alvaro de Castro, seu filho, e D. Anna de Atayde, mulher d'este, da parte da epistola. No presbyterio estão as sepulturas do bispo D. Francisco de Castro, fundador da capella, e de sua irmã D. Violante de Castro, condessa de Odemira. Em um vasto carneiro, que se abre por baixo d'esta capella, com seis arcos, n'um dos quaes se ergue um altar, estão em caixões varios outros membros d'esta familia.

Esta capella foi ha alguns annos reparada e novamente ornada pelo sr. conde de Penamacôr, a quem pertence como descendente e representante de D. João de Castro. Andam annexas a esta capella umas casas com seu jardim, que o mesmo bispo D. Francisco edificou para si, e onde ia passar de vez em quando algum tempo.

Não concluiremos a descripção d'este edificio religioso e historico sem transcrevermos o epitaphio do mausoleo do inclyto vice-rei, porque resume em eloquente epilogo as virtudes e façanhas deste heroe:

*D. Joannes de Castro* XX *Pro Religione in utraque Mauritania stipendiis factis, navata strenue opera Thunetano bello fœlicibus armis, penetrato; debellatis inter Euphratem et Indum nationibus; Gendrosico Rege, Persis, Turcis uno prœlio fusis; servato Deo, imo Reipublicæ reddito, dormit in magnum diem, nôm sibi, sed Deo triumphator: publicis lachrimis compositus, publico sumptu præ paupertate funeratus: obiit octavo Id. Junii Anno* 1548. *Ætatis* 48.

Palacio e quinta da serenissima sra. infanta D. Isabel Maria. — Fundou esta bella residencia no seculo passado mr. Gerardo Devisme, abastado negociante britannico da praça de Lisboa. Fez a planta do palacio e quinta, e dirigiu as obras o architecto Ignacio de Oliveira Bernardes.

Devisme ornou a quinta com muitas estatuas de marmore, e plantas raras, sobresaindo formosissimas arvores exoticas; e decorou o palacio com variada copia de objectos d'arte, mórmente quadros a oleo, de que era amador. Ao cabo de annos, vindo a enfastiar-se, não d'esta sua propriedade tão encantadora, mas sim do paiz por causa de alguns desgostos que n'elle teve, vendeu o palacio e quinta a D. Pedro de Lencastre, terceiro marquez de Abrantes.

Este fidalgo conservou por muito tempo a quinta no melhor estado possivel; porém nos ultimos annos da sua longa vida deixou-a cair em decadencia. Cinco annos depois da sua morte, seu neto, tambem D. Pedro de Lencastre, 5.º marquez de Abrantes, fez venda d'esta propriedade em 1834 a sua alteza real a infanta D. Isabel Maria.

Esta princeza estabeleceu alli a sua residencia ordinaria, e fez alguns melhoramentos nos jardins, e obras consideraveis no palacio, augmentando-o para o lado do pateo, onde fica a entrada principal. O palacio tinha duas fachadas para este pateo, construiu-se-lhe pois uma terceira, e fechou-se o quarto lado com uma gradaria e portico de ferro.

A frente mais nobre e elegante do edificio estende-se sobre um jardim, rematando nas extremidades em dois corpos, que resaltam do central, e aos quaes fazem coroa duas esbeltas cupulas envidraçadas. Uma d'estas dá luz á capella, que é muito rica, resplandecendo o oiro em variadissimos relevos sobre fundo branco por todas as paredes, altar e tecto. A munificencia de sua alteza correspondeu nas alfaias á riqueza com que decorou a sua capella.

A outra cupula pertence á grande sala de recepção, para a qual fazem como de tribunas as janellas do segundo andar. Esta sala é magnifica e de muita belleza, e acha-se ricamente guarnecida.

Encerra tambem este palacio um curioso museu, principiado por mr. Devisme, e augmentado pelo terceiro marquez de Abrantes, e por sua alteza.

A quinta compõe-se de varios jardins adornados com estatuas e lagos de marmore; de ruas de bosque, onde as *magnolias* e outras arvores de folhagem persistente fazem toldo de perenne verdura; e de pomares e hortas, com seus tanques e viveiros de aves, com um rio que divide a quinta, encanado e represado para servir de lago a uma cascata que sobre elle se levanta a muita altura, offerecendo na sua base passagem como ponte, de uma para outra margem, e no alto um mirante de vistas deliciosas.

Infelizmente padeceu esta quinta ha poucos annos grande devastação nas suas arvores quasi seculares, ordenada com o fim de dar á lavoira alguns metros de terreno, onde anteriormente não rompia o sol a espessura do bosque.

A vista que publicámos em gravura a pag. 89, e que representa esta linda quinta, encaixilhando com os seus arvoredos, de uma parte o palacio, e da outra a egreja do extincto convento dominicano, foi tirada do mirante do fundo da quinta do sr. Antonio Lodi, d'onde se goza um dos mais aprazíveis panoramas dos arrabaldes de Lisboa.

Palacio e quinta do sr. marquez de Fronteira. — Foi edificada esta soberba residencia no seculo XVII por D. João de Mascarenhas, primeiro marquez de Fronteira, e segundo conde da Torre. O palacio está construido no gosto da architectura então em voga na Italia. Tem tres fachadas principaes, todas differentes em fórma e ornatos, todas de bastante nobreza e originalidade. A escada é sumptuosa, e as salas são grandes, e ostentam nas paredes muitos quadros pintados a oleo, em que se vêem diversos retratos de familia, avultando entre todos, pelas dimensões do pai-

nel, e pela gloria do individuo, o retrato de D. Fernando de Mascarenhas, primeiro conde da Torre. Está collocado este quadro na sala chamada *das batalhas*, onde se vêem representados os combates em que se distinguiram a sua pericia e valor durante as guerras da restauração de 1640.

O frontispicio da capella, e a fachada do palacio, que lhe fica contigua, estão decorados com graciosos ornamentos, de um genero exquisito e delicado. Deitam para um jardim plantado no gosto moderno.

A gravura que juntâmos a pag. 97 mostra a frente do palacio para o jardim principal. É mui vasto este jardim, e conserva a sua antiga planta. É notavel pelos seus cinco lagos de marmore, pelas muitas estatuas que o guarnecem, e mais ainda pela *famosa varanda dos reis*, com o seu grande lago com estatuas, grutas, balaustradas e vasos de marmore, assim denominada por se adornar com os bustos em marmore de todos os nossos reis até D. João VI. A parte restante da quinta compõe-se de pomares e hortas.[1]

Pertence actualmente esta quinta ao sr. D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, setimo marquez de Fronteira, quinto marquez de Alorna, oitavo conde da Torre, setimo conde de Assumar, mordomo-mór de S. M. a Rainha D. Maria Pia de Saboya, e um dos typos mais completos da antiga aristocracia portugueza.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

---

## PRODIGIOS DA ASSOCIAÇÃO

### CONTO HISTORICO

(DEDICADO Á SOCIEDADE MADRÉPORA)

Um grupo de homens, mulhères e crianças do campo estava reunido diante de algumas cabanas, cujos restos o fogo devorava ainda. Pelos gritos de desespêro de alguns, e pela consternação de todos, era facil perceber-se que estavam assistindo á devastação das suas proprias casas. Os homens conservavam ainda na mão uns baldes meio quebrados, prova dos esforços inuteis com que haviam tentado combater o incendio; e as mulheres alguns farrapos molhados e ennegrecidos que tinham arrancado ás chammas. O grupo todo era formado por uma duzia de pessoas, que pareciam pertencer a quatro familias distinctas. De cada uma d'estas familias, que se extremavam umas das outras, erguiam-se, por entre queixumes, algumas recriminações e ameaças. Cada um accusava o seu visinho de ter sido a causa do incendio que reduzíra a cinzas o logar dos Castanheiros.

— Foi em casa do carpinteiro que pegou o fogo, clamava João, o lavrador, levantando o punho cerrado.

— E eu digo, que foste tu quem nos queimou, respondia-lhe Pedro Bravio apertando convulsivamente o cabo do machado que tinha livrado das chammas.

— Tiveram ambos culpa, interrompia o pedreiro Hippolito, levando nos braços uma rapariga doente; são ambos egualmente responsaveis.

— E tu tambem, exclamava Luiz desesperado, foi a tua casa que communicou o fogo á minha.

— Mentes! foste tu quem nos desgraçou.

— Foste tu!

— Foste tu!

— Foste tu!

E exaltados pelo desespêro, já os quatro chefes de familias se adiantavam uns para os outros, promptos para se travarem n'uma lucta furiosa, diante das chouupanas incendiadas, quando appareceu um velho, que os susteve com um gesto.

Residindo havia pouco tempo n'uma fazenda proxima, já conseguíra assim mesmo o sr. Manuel Gomes tornar-se conhecido das quatro familias que habitavam o logar dos Castanheiros, por lhes ter prestado alguns serviços e lhes ter dado bons conselhos. Era um d'estes velhos que nos agradam á primeira vista, e que em pouco tempo dão motivo para serem estimados. Abelha sem ferrão, de tudo extrahía mel, e como o extrahía, assim o prodigalisava generosamente. Primeiro socegou o furor dos camponezes com observações cheias de bondade; consolou as mulheres fallando-lhes nos filhos, fel-as juntar o que tinham podido subtrahir ás chammas, e levou-os a todos para a sua fazenda, onde lhes cedeu uns quartos ao rez do chão.

Vendo-se reunidas na mesma casa, as quatro familias victimas do incendio, trataram de se afastar umas das outras. O rancor ainda lhes medrava no fundo do coração, e privava-as da unica consolação que lhes restava, que era reunirem as suas esperanças em commum, quando o sr. Manuel Gomes appareceu e as encontrou separadas, e como que absorvidas na sua infelicidade individual.

Ensinava-lhe a experiencia que as paixões humanas são como as montanhas elevadas, as quaes custam mais a subir do que a tornear, e por isso não procurou destruir directamente aquella inimizade reciproca; pelo contrario, parecendo até que a não percebia, entrou a distribuir as accommodações que tinha nos quartos que destinára para abrigo dos seus desgraçados hospedes. Em quanto durava esta distribuição foram trocando, uns e outros, algumas palavras por necessidade; foram prestando e acceitando, ainda que de má vontade, alguns pequenos serviços, e no fim, posto que a animadversão existisse ainda, já a espada do furor tinha o gume embotado.

Foi então que o sr. Manuel Gomes lembrou a necessidade de cuidarem na refeição da noite. Apresentou-lhes quanto podia dispor, porém o mantimento de um solitario não podia chegar para tanta gente. Principiou por faltar pão; mas Luiz offereceu de má vontade uma cozedura que tinha livrado. João não querendo parecer menos generoso, mandou sua mulher buscar leite a uma vacca que escapára. Pedro Bravio foi com o seu machado cortar a lenha necessaria, e finalmente a velha Catharina, mãe de Hippolito, trouxe o caldeirão, unico que o fogo poupára.

Com estes preparativos arranjou-se a ceia, que foi comida em sociedade. Sentados como estavam assim uns ao pé dos outros, procuravam debalde os antigos visinhos conservar má vontade uns para os outros. Tantas vezes se encontravam os seus olhares, que por fim já iam perdendo a expressão de rancor que n'elles se lia ao principio; as vozes mais serenas correspondiam-se indirectamente, e algumas trocas eram propostas e acceitas entre si pelas crianças, élos vivos e promptos sempre a ligar de novo as cadêas quebradas. Por fim o odio parecia ser mais esforço do que inspiração.

O sr. Manuel Gomes conheceu-o, e deixou actuar a influencia invencivel do homem sobre o homem, tão bem enunciada por Christo, dizendo: *Em qualquer parte onde estiverdes muitos reunidos estarei eu comvosco.*

Manuel Gomes, fazendo com que almoçassem ainda juntos na manhã do seguinte dia, chamou os chefes das familias a conselho, depois de terem comido.

Estavam sem recurso nenhum, e sem idéa alguma assentada. O carpinteiro e o pedreiro tinham algumas probabilidades de encontrar trabalho no logar proximo; mas para isso haviam de desamparar as ruinas das suas casinhas, renunciando completamente á idéa de as reedificar. Luiz e João podiam continuar o amanho dos seus campos, como até então; mas onde iriam achar abrigo para si e para suas familias? O sr. Manuel Gomes fez-lhes comprehender umas após

[1] Vid. o artigo e gravura a pag. 265 do vol. II.

outras estas difficuldades todas; a cada projecto que elles formavam oppunha sempre alguma impossibilidade; não havia esperança que tentasse levantar vôo, que não caisse ferida pelas objecções mortaes que lhes apresentava. Finalmente, quando viu os quatro camponezes com o seu peculio de expedientes esgotado, reduzidos ao silencio e quasi descoroçoados de todo, arriscou uma proposta sua.

Se as quatro familias ficassem na sua fazenda, podiam entretanto os dois lavradores cultivar os seus terrenos; e o carpinteiro e o pedreiro reedificar as suas choupanas. Restava sómente poderem sustentar-se em quanto se praticasse esta dupla operação. O sr. Manuel Gomes propoz adiantar-lhes para esse fim uma pequena somma, de que seria embolsado pelo trabalho das quatro mulheres nas quintas visinhas, ou mesmo na sua, por quanto a mãe de Hippolito, a velha Catharina, era bastante para tratar do arranjo da casa commum. Explicou aos que o estavam ouvindo as vantagens d'esta combinação, que empregava com utilidade para a sua associação temporaria todos os braços robustos e productivos. Os camponezes não pareceram ficar lá muito persuadidos; mas como não vissem outro meio de se livrarem d'aquella difficuldade, acceitaram depois de alguma hesitação. Quando saíram, e que ia já cada um para seu lado, disse o pedreiro Hippolito, abanando a cabeça:

— Perceberam bem o que é que o visinho chama associação?

— Perfeitamente, tornou-lhe Pedro Bravio, é como quem diz um casamento de ganhos; a gente junta os lucros e reparte as perdas.

— E o que se faz então aos que só podem dar perda? — perguntou o pedreiro.

— Dizes isso por amor da Antonica, atalhou Luiz?

— É verdade que sim. Para que serve uma creatúrinha de vinte annos, que se não póde suster nas pernas, observou João; o que póde trazer para a sociedade a tua filha, se não a sua fome e a sua paralysia?

— E o teu filho Francisco, disse asperamente Luiz? Alli é que nós temos um associado de mão cheia, para fazer flautas de cana, e assobios de sabugo. Cada vez que elle trabalha cae-lhe um olho, e ainda tem ambos!

— Então para que acceitaram a proposta do visinho? — retorquiu João. Tornemos lá a dizer-lhe que já não queremos a tal associação.

— Ora vamos, aquietem-se, disse-lhes Pedro Bravio, quem se devia queixar era eu, e estou calado, porque tenho a perder mais do que a ganhar; mas como tudo isto foi obra do sr. Manuel Gomes, é aguentar para lhe fazermos a vontade. Tambem não póde durar muito, e ao depois manda-se a sociedade para o inferno.

Esta agradavel esperança pacificou a desordem, e tratou desde logo cada um de seguir por seu lado, resolvido a trabalhar depressa, para se livrar depressa dos socios.

Os quatro camponezes começaram pois desde logo os seus trabalhos, e foram continuando nos dias seguintes; mas como cada um d'elles trabalhava sósinho, a obra ia andando devagar. No fim da primeira semana, o pedreiro e o carpinteiro tinham apenas limpado o chão das ruinas, e preparado logar para levantarem as suas casinhas. Um dia em que o sr. Manuel Gomes se encaminhou para lá, a fim de observar o adiantamento das obras, encontrou Pedro sentado n'um pedaço de cabouco, olhando para um lado e para o outro com ares turvos.

— Está a pensar no sitio da casa nova? — perguntou-lhe elle sorrindo-se.

O pedreiro abanou a cabeça.

— Para abrir logar aos alicerces era preciso um alvião e uma enxada.

— E então o Luiz não lh'os podia emprestar?

— Precisa d'elles para o seu trabalho, e d'ahi, depois de feita a cova para os alicerces, é preciso levantar paredes, e eu no que toca a madeiras quanto quizerem, mas de pedra não entendo nada.

— E ainda que entendesses, continuou Hippolito que se aproximára, não havias de fazer paredes, para casas, de pedra solta. Como se ha de arranjar argamassa?

— Parece-me que vi na baixa das terras do João um banco de barro, objectou o sr. Manuel Gomes.

— O visinho não se enganou, disse Hippolito; mas o que é do João não é nosso.

— Salvo se lh'o comprarem.

— Mas como, se não temos dinheiro?

— Com trabalho, replicou o sr. Manuel Gomes. Ha quatro casas que é necessario levantar; se precisam da enxada e do alvião de Luiz, e tambem do barro de João, elles precisam egualmente da vossa trolha e do vosso machado. Reunam os instrumentos e os recursos de todos, e assim poderão levantar as casas antes do inverno.

Os dois trabalhadores olharam um para o outro.

— No fim de contas é o melhor partido que podêmos tomar; mas resta saber se os outros querem, exclamaram quasi ao mesmo tempo.

— Querem, affirmou o sr. Manuel Gomes, fallei-lhes agora mesmo, e ahi vem até de caminho para os ajudar.

Effectivamente os dois em que se estava fallando não vinham longe; um trazia a ferramenta ao hombro, o outro puxava um carro de mão cheio de barro; combinaram logo a ordem do trabalho, a distribuição da mão de obra, e entraram todos á tarefa com tal ardor que se podia calcular bem que prestes ficaria concluida. E d'ahi estavam livres da solidão, que acrescenta o enfado á fadiga. Pedro foi o primeiro que entrou a cantar, Hippolito a dizer historias, e João a rir. Acabaram-se desde logo as friezas de parte a parte; a obra que tinha começado com mau humor dos operarios, seguiu alegremente, e foi por isso adiantando-se mais. Quando todas as noites recolhiam os quatro chefes das familias, davam noticias do augmento das construcções, e iam já calculando o tempo que faltava para se recolherem ás suas novas casas.

Costumavam-se entretanto as suas familias aos embaraços da habitação em commum, e até lhe iam descobrindo algumas vantagens. Pedro fez observar aos seus companheiros, que a comida era mais regular e mais bem feita desde que estava a cargo da mesma pessoa. João admirava tambem o bom parecer do seu filhinho, de quem a paralytica tomava especialmente conta, ao mesmo tempo que ia ensinando a ler os filhos de Hippolito; e notaram todos com admiração, que até o vadio do Francisco se tornava util á sociedade, trazendo para casa coelhos caçados na armadilha, ou passaros apanhados em costella.

D'esta fórma tinham ido todos, insensivelmente, exercendo diversas funcções na associação rustica, e tornavam-se todos uteis em differentes graus. O proprietario visinho fazia-o conhecer todos os dias aos quatro camponezes, que tambem cada vez o iam percebendo melhor.

Quando se concluiram as casas, lembrou-lhes quanto estava longe a fonte d'onde se abasteciam de agua antes, o que os decidiu a procurarem outra á entrada do logar. Este trabalho, e outros de não menor utilidade, conseguiram-se não só sem resistencia, mas ainda com o afan jubiloso que dá a convicção. Finalmente, quando chegou a primavera estava tudo concluido, e as familias determinaram tomar posse do logarejo reedificado.

Foi dia de festa geral. Nos tectos das choupanas

verdejava o pilriteiro, vestidos de flores cobriam as arvores dos pomares, e as leiras dos campos estavam viçosas e louçãs. As crianças correram para a fonte, as mulheres foram ao rio de lavar. Uns admiravam o forno commum, que poupava em muito a despeza que antes faziam; outros os celleiros para se guardarem com mais segurança as colheitas e provisões dos novos habitadores, e todos pasmavam diante de uma barraca que se erguia no centro do logarejo, para todos os rapazes receberem as lições da paralytica, para ouvirem leituras á noite, gozarem de luz e calor em sociedade, sobre tudo para adquirirem a sympathia commum e os habitos de boa visinhança. Os proprios operarios pasmavam da sua obra, e quasi que não acreditavam que a tivessem levado a cabo. Todos foram ter com o sr. Manuel Gomes, a quem rodearam abençoando-o mil vezes. Sorriu-se elle: e impondo-lhes silencio com a mão:




Capella dos Castros

— Não é a mim que devem agradecer estas maravilhas, disse-lhes, mas á associação. Separados uns dos outros e hostis, ereis fracos, miseraveis e sem meios de escapar ao vosso naufragio; reunistes-vos, e as vossas fraquezas transformaram-se em força, as vossas miserias em riqueza, e o vosso naufragio em regeneração. Sirva-vos a lição para o futuro. Vistes como, graças á associação, um pobre doente, e até um estouvado vagabundo, poderam ser membros uteis da grande familia; os encargos distribuidos por todos tornaram-se conseguintemente mais ligeiros. Continuae a obra que começastes; provae pelo vosso exemplo, que seja qualquer que for a condição, e por mais tenues que os recursos sejam, a associação das forças produz conforto, e a associação das vontades produz a felicidade.

---

## PALACIOS REAES DE LISBOA EM 1584

O padre Duarte de Sande, descrevendo Lisboa como se achava na epocha acima referida, em que elle vivia, diz que eram seis os palacios reaes; que então havia em Lisboa [1]. Depois vae designando cada um na propria localidade, segundo a ordem que leva na

[1] Vid. pag. 78 do num. antecedente.

sua digressão pela cidade. Esses seis paços, seguindo a referida ordem, são: *os da Ribeira*, de *Xabregas*, dos *Estáos*, da *Alcaçova*, das *Escholas geraes*, e de *Santo Eloy*.

Como esta conta não combina com as noticias que temos colhido ácerca dos paços dos nossos reis, e o padre Sande seja testimunha presencial de muitas coisas que refere, vamos expor a questão como se nos afigura, e ajuntar-lhe algumas considerações, a ver se será possivel encontrar accordo entre a asserção do historiador contemporaneo e os estudos de um simples curioso, que escreve quasi tres seculos depois. Relevese-nos a repetição de algumas noticias por nós dadas em outros numeros do *Archivo*, porque assim ficarão mais intelligiveis as nossas observações.

Os nossos primeiros monarchas até D. Affonso III não tiveram em Lisboa palacio real propriamente dito. Como só vinham de visita a esta cidade, n'essas occasiões aposentavam-se onde melhor lhes parecia. Serviram-lhes alternadamente de habitação umas casas contiguas á sé, que pouco depois se converteram em paços episcopaes; outras mais adiante, que passaram de residencia regia a ser casa da moeda, depois novamente palacio real com o nome de *paços da Moeda*, depois ainda morada das commendadeiras de Santiago, d'ahi casa da supplicação e cadêa, e hoje finalmente *cadêa do Limoeiro*. Temos algum fundamento para suppor que tambem durante os quatros primeiros reinados varias vezes se aposentou a corte em umas casas que ficavam entre as duas mencionadas, onde agora tem assento o edificio *das mercierias del-rei D. Affonso* IV.

As visinhanças da sé eram o logar mais predilecto da corte, quando vinha a Lisboa, talvez por querer ficar perto d'este grande templo para os seus exercicios religiosos, ou por seguir a pratica de D. Affonso Henriques, que preferia as casas a par da sé para fiscalisar os trabalhos e ver crescer as obras da cathedral, fundação, ou reedificação sua. Entretanto parece fóra de duvida que no dito periodo algumas vezes se alojou a corte n'outros sitios da cidade, e nomeadamente no que mais tarde se denominou — *Escholas geraes*.

O primeiro dos nossos reis que edificou paços em Lisboa foi D. Affonso III, que fundou os de *S. Bartholomeu* junto do castello e da egreja parochial d'esta invocação, com a qual se communicava por um passadiço. Estes paços, doados por el-rei D. Diniz a seu neto D. João Affonso, chamado o do *Athaúde*, filho do seu filho bastardo Affonso Sanches, eram propriedade particular em 1584. Estavam muito mudados na sua fórma primitiva, quando os derrocou o terremoto de 1755. D'elles nada resta.

El-rei D. Diniz construiu os *paços da Alcaçova*, dentro do Castello, onde habitou e seus successores, até el-rei D. Manuel. Estes paços, tambem destruidos por aquelle cataclismo, e dos quaes ainda resta de pé uma alta parede com quatro janellas ogivaes, já serviam de residencia ao alcaide-mór de Lisboa no anno de 1584. Todavia esse palacio é um dos seis a que allude o padre Sande.

Habitou quasi sempre el-rei D. Fernando nos *paços da Moeda*, que augmentou e melhorou. Tinham este nome por servirem anteriormente de casa da moeda, como acima dissemos.

El-rei D. João I nunca assistiu n'elles, mas sim nos da *Alcaçova*. Todavia quando seu filho herdeiro, o infante D. Duarte, chegou á sua maioridade, poz-lhe casa, e deu-lhe por habitação os paços da Moeda, nos quaes fez para esse fim muitas obras de reedificação, pois que tendo ficado devolutos pouco depois da morte d'el-rei D. Fernando, e desde o tragico successo do conde de Ourem, João Fernandes Andeiro, estavam n'aquelle tempo bastantemente damnificados. Morando alli D. Duarte com os infantes D. Pedro e D. Henrique, seus irmãos, em vida de seu pae, deu o povo a este palacio o nome de *paços dos Infantes*.

Este edificio, reconstruido novamente por el-rei D. Manuel para servir de casa da supplicação, e cadêa publica, conservava este uso em 1584, e desde então até ao terremoto de 1755, que o destruiu. Reedificado pela terceira vez, porém com fórma inteiramente diversa, é hoje a *cadêa do Limoeiro*.

Dizem alguns escriptores antigos, porém nenhum d'elles contemporaneo de D. João I, que este monarcha fundára um palacio em Lisboa. Não acreditâmos porém na verdade d'esta asserção, rigorosamente fallando. Não é crivel que se D. João I tivesse fundado um palacio, nunca habitasse n'elle, ou tendo habitado, não deixasse alguma memoria d'isso o seu chronista e contemporaneo, Fernão Lopes. Da sua residencia nos *paços da Alcaçova* encontram-se muitas noticias nas obras dos differentes historiadores que trataram do seu reinado. Entendemos portanto que os primeiros escriptores a que nos referimos tomaram por fundação a reedificação dos paços da Moeda. Esta falta ou equivocação é, infelizmente, muito commum em os nossos auctores antigos.

El-rei D. Duarte viveu no principio do seu reinado, mas pouco tempo, nos *paços da Moeda*, e depois *nos da Alcaçova*. N'estes morou tambem seu filho D. Affonso V.

Reinando este soberano, tiveram celebridade os *paços de S. Christovão* pelas festas magnificas do casamento de sua irmã, a infanta D. Leonor, com o imperador de Alemanha, Frederico III. [1] Estes paços, que então eram de D. Affonso, primeiro duque de Bragança, e que suppomos terem sido fundação sua, pertenciam em 1584 á familia Tello de Menezes, que mais tarde foi elevada ás honras de condes de Aveiras, e depois ás de marquezes de Vagos.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

---

## MILAGRES DE SANTO ANTONIO

Haverá no *Flos Sanctorum* vida mais austera que a do advogado popular dos casamentos?

Certo que não.

Por isso a lenda, a tradição dos milagres de santo Antonio, foi sempre para nós uma coisa incomprehensivel, por lhe não chamar romantica.

Como é que um rapaz tão serio, tão religioso, que se metteu a frade antes de lhe pungir a barba; que andava sempre com os olhos no chão para não ver mulheres; que se fingia idiota para lhe não darem trela em assumptos mundanos; que desde menino do côro tomou por escudo das tentações um ramo de açucenas, emblema da castidade; como é, repetimos, que tal santinho foi escolhido para patrono dos namorados; para intercessor de memoriaes eroticos; para despachante de supplicas matrimoniaes, e até para confidente de cartas de amor?

Elle que nunca teve amores senão com o menino Jesus, póde lá ter relações com o infante Cupido! Elle que nunca prégou senão verdades, póde acaso entrar n'um commercio onde as mentiras são de tarifa; onde, em vez de açucenas, cujo aroma é tão contra os atrevimentos sensuaes como o cheiro da camphora, se usa de alcachofras que revelam paixões, e de herva pinheira que tem virtudes oppostas ás theologaes?

Como é que sendo santo Antonio espelho de castidade e de pobreza, segundo diz a sua antiphona, o fazem banqueiro de letras e trovas para requestar e conquistar corações?

[1] Vid. o vol. 4.º a pag. 273.

Por que o fazem physico-mór da clinica amatoria; boticario de remedios amorosos; hervanario de plantas e raizes para mitigar a seccura das saudades magoadas; curandeiro das chagas da inconstancia; e até Raspail das paixões chronicas, já incuraveis pelos annos e pela fealdade?

Por que o elegeram para juiz de paz entre os amantes arrufados; vereador do pelouro dos incendios do ciume; cabo de policia para apartar as rixas da infidelidade; e juiz para mulctar rivaes, ou sentenciar quebras de palavra e promessas de casamento?

Ha maior irreverencia que dar taes funcções, e attribuir tantos empregos a um santo? E de mais a mais a um santo tão desmundano, que nem sequer teve as verduras da mocidade, as paixões peccaminosas que outros muitos bemaventurados expiaram por actos de tremenda penitencia.

Se os amantes tomassem para seu padroeiro a Santo Agostinho, que antes de se converter foi o maior arruador que teve Carthago, bem era, porque esse passou a juventude sempre apaixonado, e para notar cartas de amor não o houve mais pintado, como grande rhetorico e eloquente que foi. Duas regras d'elle teriam logo rendido Penélope, a matrona mais inabalavel a finezas e promessas de quantas houve na fabulosa antiguidade.

E todavia, tão cego é o amor, tão atreito é a perder o tino e a dar cabeçadas, que em vez de tomar para advogado das suas causas um doutor tal como foi o carthaginez, escolheu o portuguez que nunca estudou a jurisprudencia erotica!

Á vista d'esta apologia, parece-nos que é tempo de desaggravar o nosso santo Antonio dos falsos testimunhos que lhe tem levantado, e restituir-lhe a fama de bom frade, e de santo exemplar.

As moças que até agora lhe faziam promessas para elle as casar cedo, sáibam que, se continuam, ficarão para tias, e que todas as petições que lhe dirigirem hão de ter por despacho: «Requeira pela estação competente.»

Tambem lhe não devem attribuir milagres falsos, porque lhe sobram os verdadeiros para ser rogado e invocado pelos seus devotos. Ha um pelo qual tem culto differente dos mais habitantes do empyreo, que é fazer-se-lhe trezena, quando os outros santos tem apenas uma novena. A razão dada, não pelos theologos, mas pelos agiographos, é esta:

Perdêra o padre santo Antonio o seu breviario; era livro não de preço mas de estimação. Procurou-o sem descanço, mas só ao cabo de treze dias de busca lhe appareceu. Eis a origem da trezena, e de o tomarem por deparador das coisas perdidas. É crença piedosa, mas não definida.

O patronado dos casamentos funda-se talvez na seguinte lenda:

Havia em Padua uma fidalgota que gostava muito de ouvir os sermões de santo Antonio, quando elle esteve n'aquella cidade, onde falleceu. Tinha a joven paduana por arrojado um mancebo d'estes que não sabem amar sem apoquentar. Desgostava-o muito vêl-a tão enlevada na voz, no gesto e na loquela do fradinho portuguez; até que a prohibiu de ir ouvil-o, dizendo que se deixasse de sermões, como se elle só lh'os quizesse prégar... A donzella obedeceu ao preceito, e nunca mais voltou áquella egreja.

Passado algum tempo foi convidada por uma sua amiga, pessoa de jerarchia e de ceremonia, pelo que não pôde escusar-se de ir ao sermão de santo Antonio. O namorado, quando tal soube, foi aos ares, e pouco faltou para fazer escandalo na egreja. Tomou porém uma resolução heroica, para melhor assegurar o seu dominio. Foi pedil-a ao pae, e alcançou-a.

O que até alli eram preceitos voluntarios, tornaram-se mandamentos de noivo.

O casamento porém protrahiu-se por um addiamento da opposição dos paes do mancebo, que offereceram varias emendas ao contrato nupcial, que por isso teve de voltar á commissão da parentella, para dar sobre ellas o seu parecer, como hoje se diria em gerigonça parlamentar.

N'este meio tempo a fidalguinha teve tentações de ir pela ultima vez ouvir prégar fr. Antonio de Lisboa. O rapaz não consentiu; e para se livrar de novas instancias, e lhe estorvar a saída de casa, impoz á noiva um sacrificio atroz.

Tinha ella uma trança de cabello que fazia inveja ás famosas madeixas de Berenice, que hoje vemos desenhadas no firmamento. Todos sabem, quanto as damas prezam e ostentam um bom cabello

«Por ser a maior pompa da belleza»

como disse o nosso cabelleireiro poeta, Domingos dos Reis Quita, cujos versos valem mais que todas as pomadas e fluidos dos Barons e Godefroys. A joven paduana fazia muita gala da sua trança, mas nem por isso deixou de a immolar á vontade do seu futuro, que lhe intimou a cortasse tão rente como se fosse para um convento.

Sansão perdeu a força com os cabellos: a nossa donzella, pelo contrario, cobrou animo quando enfiou os anneis da tesoira, e a metteu afoita pela mimosa trança, que parecia collear-se de raivosa e agonisante, quando gemia entre os fios do cortante ferro, com pena de deixar, quasi *á escovinha*, uma cabeça que ella tinha coroado por tantos annos, e um lindo rosto que tão artisticamente moldurava.

Pela sua parte, a resoluta donzella festejava este holocausto capillar com um dito espirituoso: «As minhas rivaes, tão amigas de trocadilhos, não poderão agora dizer, *que vou casar pelos cabellos*.

O sacrificio estava consummado; mas santo Antonio que fôra o causador, posto que involuntario, não quiz deixar este martyrio sem palma.

No dia seguinte, quando elle estava prégando, ouvia-o a formosa paduana em sua casa como se estivesse defronte do pulpito, apesar de residir mui longe da egreja!

Não parou aqui o milagre.

Á noite, quando a donzella tirou a coifa para se deitar, o seu antigo cabello ondeou-lhe pelas costas abaixo, mais bello e juboso que d'antes!

Tanto que o cioso mancebo viu este prodigio, reconheceu então que no frade portuguez não devia temer um rival, mas venerar um santo.

D'esta graciosa lenda provém, de certo, a que anda na boca do povo, mas tão alterada, como é referir que santo Antonio cortava o cabello ás moças para as fazer desesperar, e depois lh'o tornava a pegar com cuspo, fazendo outras travessuras de egual jaez, elle que nunca brincou nem com os endiabrados meninos do côro da sé, com quem se criou.

Restitua-se pois a santo Antonio a fama de austeridade que lhe tem roubado o povo credulo em tradições romanescas.

## PALACIO DA RELAÇÃO E CADÊA DO PORTO

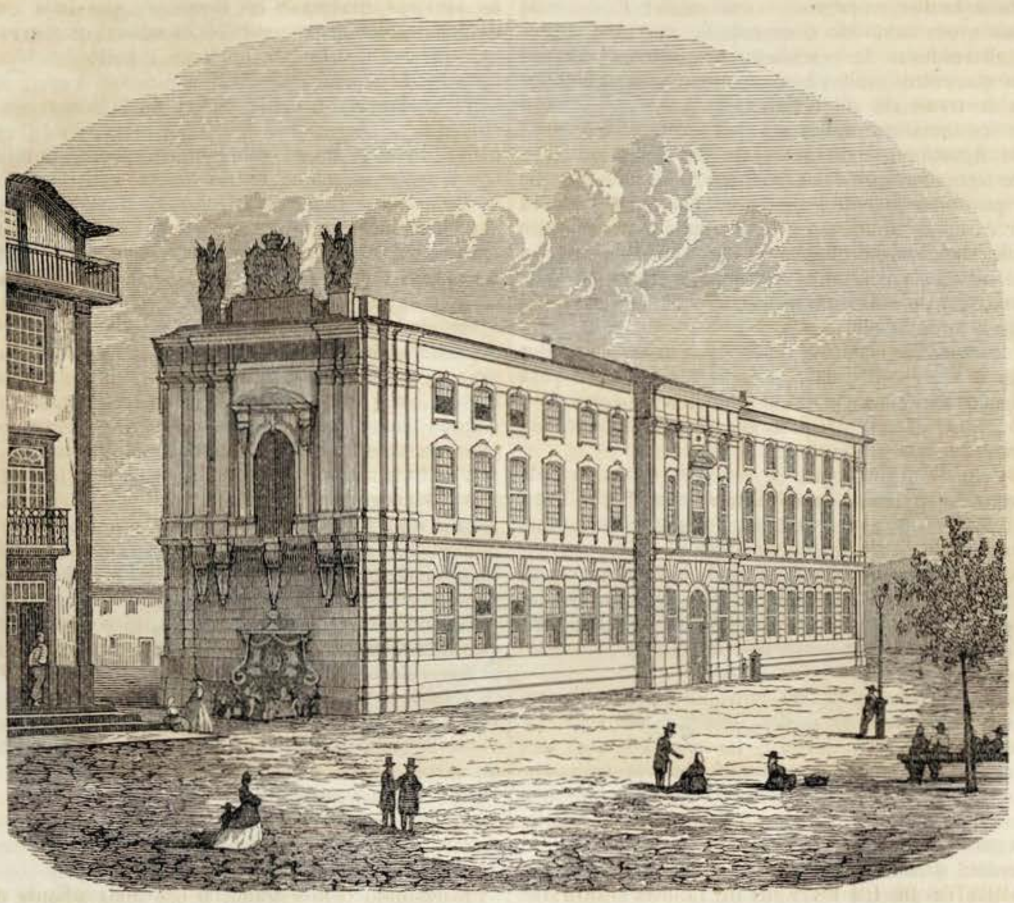
Deve o Porto grandes melhoramentos e alguns dos seus melhores edificios a dois magistrados do appellido de Almada; João de Almada e Mello, governador das justiças, e Francisco de Almada e Mendonça, corregedor e provedor da cidade.

O primeiro foi o fundador do magestoso *palacio da relação e cadêa* logo no principio do seu governo, pois que tomou posse d'aquelle cargo em 11

de janeiro de 1765, e n'esse mesmo mez e anno lançou a pedra fundamental nos alicerces do novo edificio. Foi este erigido no proprio local da antiga casa da relação e cadeia, que para este fim se demoliu.

Duraram os trabalhos da edificação até quasi ao fim do seculo, e pararam antes de se dar ao palacio o ultimo remate, pois que lhe falta o frontão e mais ornatos, que deviam coroar o corpo central da fachada do lado do norte. Calculam-se os gastos de construcção em duzentos contos de réis, pouco mais ou menos.

Tem este edificio a fórma triangular. Está situado na parte mais alta da cidade. A frente principal, cujo frontão é decorado de estatuas, deita para a rua de S. Bento, e está voltada para o sul. A frente do lado do norte, que a gravura junta representa, é egual em grandeza á principal, e cáe sobre o *campo* ou *praça da Cordoaria*. A fachada de léste, que tambem se vê na mesma gravura, é muito estreita, mas bastantemente nobre. Tem uma só janella, porém muito grande. Fazem-lhe coroa o escudo das armas reaes entre dois tropheos, e guarnece-lhe o envasamento um chafariz. A frontaria do lado de oéste consta, como



Palacio da Relação e Cadeia da cidade do Porto

as duas do sul e norte, de tres andares, porém é menos comprida que estas, e mais singela.

Conta o edificio cento e tres janellas. É construido d'aquella especie de granito, que é a pedra commum na cidade e em toda a provincia, de cor cinzento claro, ou quasi branca, quando está nova, e denegrida assim que lhe passam por cima alguns annos.

Modernamente, a camara municipal do Porto desaffrontou este edificio do lado da praça da Cordoaria, expropriando e demolindo uma fileira de casebres de um e mais andares, que lhe vedavam a vista da praça. Pena é que se não cuide das obras que o palacio reclama, tanto para o acabamento, que é coisa de pouca monta, como para a sua conservação e aformoseamento.

Tem-se lembrado de mudar a cadeia para o visinho convento de S. Bento, que tem servido de quartel militar, ficando o palacio só para os tribunaes de justiça. Em nossa opinião era uma excellente idéa, que tinha muitas conveniencias, e que só tem contra si por difficuldade principal, segundo cremos, as despezas que sería necessario fazer nos dois edificios para se poder realisar esta mudança.

O palacio da relação e cadeia do Porto é celebre na historia contemporanea do nosso paiz por dois factos de mui diversa natureza e significação, um de tristissima memoria, o outro de honrosa e religiosissima recordação. Foram estes factos a prisão do duque da Terceira, e varios generaes e officiaes seus companheiros de infortunio, em outubro de 1846, e a visita del-rei o sr. D. Pedro V aos presos da cadeia em Agosto de 1861.

I. DE VILHENA BARBOSA

## THEMAS CLASSICOS

Eu não sigo a opinião d'aquelles que cuidam grangêam auctoridade a seus escriptos, com se mostrarem menos cuidadosos no estilo, persuadindo-se que os terão por verdadeiros nas coisas, por se mostrarem incultos na frase; sendo que o fazem, ou porque não podem mais, ou porque se querem furtar ao trabalho.

BALTHASAR TELLES. — *Chron. da Comp.*

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.